

Câmara Municipal de Pirassununga

Estado de São Paulo



INDICAÇÃO Nº 34/81

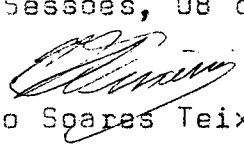
ENCAMINHA-SE AO SENHOR
CHEFE DO PODER MUNICIPAL

Sala das Sessões, 08/09/1981


PRESIDENTE

Indico ao Senhor Chefe do Executivo, pelos meios regimentais, que estude a possibilidade e a conveniência de ser dada a denominação de "Albertina de Souza Aguiar" a uma das vias públicas de nossa cidade, atualmente sem denominação oficial. Em anexo dados biográficos da extinta senhora.

Sala das Sessões, 08 de setembro de 1981.


João Soares Teixeira

BIOGRAFIA DA SENHORA ALBERTINA DE SOUZA AGUIAR

Talvez lembrando o poeta - " contarei o jardim não pelas folhas que tombaram, mas pelas flores que nele se abrirem" - é que neste momento nos recordamos da senhora Albertina de Souza Aguiar que durante sua vida cultivou amizades, a música, rosas e teve uma vida toda dedicada ao trabalho. Consagrou seus dons e talentos em servir ao próximo.

Albertina de Souza nasceu em Pirassununga no dia 2 de novembro de 1890, filha do Sr. José Francisco de Souza, conhecido em nossa terra por Juca-escrivão, pelo fato de possuir Cartório de Registro Civil e da Sra. Ana Francisca de Souza. Albertina muito moça ainda, ajudava o pai no cartório, lendo as atas dos casamentos civis ali realizados. Entre os anos de 1914 a 1915, trabalhou na Casa Vermelha de propriedade do major João da Motta Cabral, como eximia costureira. Sua especialidade era confecção de roupas masculinas. A Casa Vermelha localizava-se na rua Duque de Caxias, num prédio que foi demolido e atualmente encontra-se a Skina Calçados de propriedade do sr. Angelo Verrechia. No ano de 1918, Albertina, moça de espírito extremamente religioso e piedoso, foi catequista na Igreja de São Benedito. No ano de 1919 fez parte do Coro da Matriz do Senhor Bom Jesus dos Aflitos. Nessa época era maestrina do coro dona Nhazinha de Almeida, dileta filha do coronel Jeremias Neves de Almeida. Notando os pendores musicais de Albertina, dona Nhazinha que era afamada professora de piano em nossa terra, ensinou-lhe solfejo, música e a tocar bandolim. Como costureira, Albertina trabalhava a comício, para as melhores famílias de nossa sociedade, como as do Sr. Antonio Angelino Conceição, Dr. Manoel Jacinto Vieira de Moraes, Sr. Antonio Mourão e outros mais. Fez seus estudos primários na Escola do Povo e sua primeira mestra foi a professora Etelvina Leme Franco.

No ano de 1922 contraiu matrimônio com o 2º Sargento do 2º RCD - Amphilóphio Rodrigues de Aguiar, natural da Bahia da cidade de Conde. Desse enlace vieram os filhos: Angélica, atualmente funcionária do INPS e Flávio (falecido). Esposa e mãe dedicada conheceu da vida as fontes da alegria pura: o bem realizado e o dever cumprido. No ano de 1924 ficou viuva e com grande firmeza tocou o barco da existência com a filhinha Angélica que era menor.

Com o falecimento do marido, 2º sargento Amphilóphio Rodrigues de Aguiar e do filho, o menino Flávio, Albertina devotou mais ainda sua vida ao trabalho e a servir ao próximo. De gênio alegre e comunicativo

durante logos anos trabalhou nas quermesses da Igreja de São Benedito. Com a maior boa vontade e dedicação sempre encarregou-se da manutenção e limpeza da Barraca do Bar. Nessa famosa quermesse realizada anualmente, no decorrer dos anos os encarregados da Barraca do Bar foram: profa. Yolanda Del Nero Barco, Valdomiro Teodoro de Souza, Oscarlina Silva Nouer e outros. Devota de São Benedito, os andores que saiam da Igreja para as processões eram artisticamente enfeitados por Dona Albertina. No ano de 1963, vendo que a túnica usada pelo Senhor dos Passos necessitava ser renovada, junto com sua sobrinha a sra. Maria de Souza Lombardi (dona Edite) percorreu nessa cidade, angariando donativos em dinheiro. Com a quantia arrecadada cortou e confeccionou a bela túnica do Senhor dos Passos, cuja imagem se encontra na Igreja N. S. da Assunção e é conduzida nas concorridas procissões da Semana Santa.

No ano de 1970, no Dia das Mães, em festiva reunião realizada na sede social do Clube dos Sub-Tenentes e Sargentos, recebeu carinhosa homenagem da diretoria. Foi-lhe ofertado rico ramallete de flores naturais e um delicado mimo, pelo fato de ser a mãe mais idosa presente à reunião social.

A senhora Albertina de Souza Aguiar que foi mulher admirável e querida de todos por sua bondade, simpatia, simplicidade e extremado amor ao próximo, foi a amiga certa para todas as horas, quer dos conhecidos, ou desconhecidos. Na tranquilidade e na paz do Senhor no dia 22 de agosto de 1974 voltou para o Senhor. Cercada pelo carinho de sua filha Angélica e dos inúmeros amigos, não teve um só momento de dúvida ou tristeza. Não soube nunca ser fraca, não conheceu a dimensão da fraqueza. Não deixou tristeza porque não soube nunca ser triste. Não foi nunca grandiosa, porque era extremamente grande dentro de sua simplicidade. Por ocasião de seu falecimento, sua filha Angélica recebeu ofícios de condolências da Câmara Municipal - Clube Pirassununga - Clube de Pesca de Pirassununga - Clube dos Sub-Tenentes e Sargentos - telegramas de amigos das mais distantes cidades de vários pontos do Estado, afora inúmeros telegramas de amigos da classe circense.